

UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES

PIBIC/PIVIC – 2007/2008

O mito da cosmogonia em *Narradores de Javé*

Orientador: Prof. Dr. Sérsi Bardari

Bolsista: Artur Gabriel Ferreira Guimarães, RGM 35980

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, 8º série B

Mogi das Cruzes

agosto/2007 a julho/2008

1. INTRODUÇÃO

1.1 Narradores de Javé

Em 2003, a diretora Eliane Caffé exhibe *Narradores de Javé*, premiado filme da produção nacional. *Narradores de Javé* conta a história de um povoado no interior do Brasil que corre risco de extinção para que, no local, seja construída uma barragem. Zaqueu, líder da comunidade e narrador da história, reúne os moradores do lugar para discutir sobre a ameaça iminente. Segundo ele, a única salvação seria a elaboração de um relatório científico que elevasse o vilarejo à condição de patrimônio histórico. Depois de muita controvérsia, todos concordam que, se Javé tem algum valor, isso ocorre pela história de sua origem.

A partir daquele momento, os moradores mobilizam-se para provar que Javé deve-se tornar patrimônio histórico a ser preservado, em virtude dos feitos heróicos dos fundadores da cidade. Mesmo sem conhecer bem o significado da expressão “relatório científico”, a população busca na memória relatos para recuperar a “grande história” de seus heróis mitológicos.

Antônio Biá, único adulto alfabetizado do local, é incumbido da tarefa de ouvir as narrativas e produzir o relatório que salvaria a existência da aldeia. Biá trabalhava no correio da cidade e, para não perder o emprego, devido à falta de correspondências, passou a inventar histórias sobre pessoas do povoado e a enviar para as cidades vizinhas. Quando os moradores de Javé descobriram o que acontecia logo se encarregaram de expulsar o carteiro, que passou a morar em um casebre isolado da cidade.

Apesar de sua origem humilde, Biá possuía muito talento na arte da escrita e, devido à ameaça que o povoado sofria, foi novamente reintegrado ao convívio com os demais moradores. O carteiro passa então a frequentar as casas do povoado para ouvir as pessoas mais velhas e mais influentes do lugar, de modo a resgatar a origem da localidade. A maioria delas atribui a fundação da cidade a Indalécio, que havia conduzido até o local o povo fugido da guerra contra a Coroa. Paralelamente, as personagens femininas referem-se com ênfase à participação na história da “valente” Maria Dina.

Em meio às várias versões sobre a origem do local, desenrola-se a trama do filme de Caffé, na qual não faltam referências aos mitos de criação regionais, nacionais e universais.

Nesse sentido, *Narradores de Javé* argumenta a respeito da importância de se perceber nos mitos diferentes caminhos simbólicos para a formação da consciência e identidade de um povo. Segundo Eliade ¹, “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”. A principal função dos mitos consiste em prover a mente do homem daquilo que a permita entender a vida e a verdadeira natureza humana.

1.1.1 Javé

A palavra Javé origina-se do tetragrama YHVH, que se refere ao nome de Deus, na cultura judaica. A construção do lexema com quatro consoantes remete ao fato de que o nome de Deus não podia ser pronunciado. Eruditos e religiosos discutem sobre a verdadeira pronúncia do tetragrama. Em português, as possíveis transliterações são Javé, Iavé e Jeová.

1.2 O que são mitos

O filme *Narradores de Javé* argumenta a respeito da importância de se perceber nos mitos diferentes referências simbólicas para a formação da consciência de um povo. Os mitos são narrativas que se constituem no esforço de explicar como uma realidade passou a existir. Podemos contar com a ajuda de Eliade ² para buscar uma definição mais precisa:

[...] o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.

¹ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6.ed., São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 11.

² *Ibidem*.

A principal função dos mitos consiste em prover a mente do homem daquilo que a permita entender a vida e a verdadeira natureza humana. Ainda segundo Eliade ³, o mito “fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”. Compreender a estrutura e a função dos mitos não significa apenas entender o nosso passado, mas, principalmente, compreender tudo aquilo que é consequência do que o homem se converteu hoje.

1.2.1 *Cosmogonia e escatologia*

Os mitos básicos a partir do qual é construído o enredo de *Narradores de Javé* são os da *cosmogonia* e da *escatologia*. Os mitos cosmogônicos trazem relatos sobre a origem do universo e de tudo que existe (o Cosmo). O mito cosmogônico é considerado o modelo exemplar de toda “criação”. Já a escatologia está ligada ao fim de tudo, remete a mitos que narram a destruição do mundo, com exceção de alguns sobreviventes. Para Eliade ⁴, os mitos do “fim do mundo” estão longe de ser pessimistas, pelo contrário, pois mesmo nesses mitos o fato principal não é o “fim” em si, mas a certeza de um novo começo, a regressão à cosmogonia.

O povoado representado no filme *Narradores de Javé* passa a tentar reconstruir seus mitos de origem ante a iminência da destruição, em uma busca desenfreada para tentar salvar a cidade. Javé era um povoado que fundamentava sua história através da tradição oral. A falta de documentos escritos que historiassem sua existência tornava aquele povo invisível aos olhos da nação. Tanto é que os políticos, com vistas à geração do progresso em benefício de uma maioria dita “civilizada”, representam constantes ameaças ao lugar.

Em uma passagem do filme, Vado, um dos moradores de Javé, diz o seguinte: “Vão ter que sacrificar uns tantos pra beneficiar a maioria. A maioria não sei quem são, mas nós é que somos os tantos do sacrifício”. Instala-se, dessa forma, um verdadeiro tumulto. A cidade inteira se comove para salvar sua terra. Ao tentar resgatar a *cosmogonia* do lugar, cada personagem associa à história do vilarejo os atos de seus antepassados, representando-os como os heróis lendários. Nessas condições, torna-se impossível construir o “livro da salvação”, e a inundação ocorre inexoravelmente. É o fim daquele “mundo”. Mesmo assim os sujeitos permanecem juntos até o final e passam

³ *Ibidem*, p. 8.

⁴ *Ibidem*, p. 72.

a protagonizar um novo começo, possivelmente mais próspero, consciente da importância de se construir e preservar símbolos e mitos.

1.3 História oral

A História oral é um recente campo do conhecimento que suscita diversas interpretações e concepções. Alguns defendem a História oral como uma técnica, outra corrente atribui-lhe o caráter de disciplina e uma última a compreende como metodologia.

Os que defendem a História oral como técnica estão preocupados com os métodos utilizados para registrar os depoimentos. Nesse caso, “a chamada ‘História oral’ não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa e para a posterior conservação das fitas”⁵.

O grupo que reconhece a História oral como disciplina acredita que a História oral seja uma área de estudos com objetivo próprio e capacidade de gerar soluções teóricas para questões práticas. Ferreira e Amado⁶ citam exemplos de imbricações entre história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida, biografia e autobiografia.

Já os que concebem a História oral como metodologia, acreditam que ela, assim como toda metodologia, estabelece e ordena procedimentos de trabalho que funcionam como ponte entre teoria e prática, tais como:

[...] os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho⁷.

A comunidade de Javé tem como motivação a salvação de sua terra. Apesar de terem consciência de que para isso devem registrar sua História, os habitantes não fazem idéia de como fazê-lo e, tampouco, sabem ao certo o que a expressão “trabalho científico” pode significar. Assim, as pessoas designadas a relatarem os fatos

⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (coords.). *Usos e abusos da história oral*. 8.ed., Rio de Janeiro, FGV, 2006, p XII

⁶ *Idem*, p.XVI.

⁷ *Ibidem*.

relacionados à fundação do vilarejo não se apegam à metodologia alguma, apenas recorrem à memória, única ferramenta que possuem para tentar oficializar sua própria existência. A representação da História oral em *Narradores de Javé* aproxima-se, assim, da concepção de *História oral* como disciplina, pelo fato de que a comunidade acredita ser capaz de gerar a solução para o problema que enfrenta.

1.3.1 Narrativa oral

Grande parte dos documentos escritos, considerados confiáveis, nada mais é do que a concretização em texto de relatos falados de histórias que antes habitaram o mundo das ideias. Mesmo assim, trava-se uma ferrenha batalha para que se considerem confiáveis os relatos orais. Obras recentes defendem a memória coletiva como uma importante ferramenta para se entender a História. Em *Narradores de Javé*, os moradores se mobilizam para reconstruir em um livro a história de sua comunidade. O livro registraria as “maravilhosas” versões da origem do povoado de Javé. Relatos que antes só habitavam o mundo da oralidade e que, a partir do registro escrito, dariam à comunidade a condição de patrimônio histórico a ser preservado, o que impediria sua destruição.

No decorrer do longa-metragem, as personagens entram em conflito ao tentarem cada uma provar que sua história é a verdadeira. Hamilton ⁸ afirma que, no que diz respeito a grupos, “as memórias são consideradas individuais, mas ocorrem os maiores conflitos quando as pessoas insistem em que as lembranças dos outros sejam iguais às suas”.

O simples fato de uma história ser contada por um ser humano já faz com que a narrativa carregue subjetividade. Dependendo de uma série de fatores intrínsecos a cada indivíduo, a história se molda de forma diferentemente. A memória seleciona o que pode e deve ser lembrado e o que pode e deve ser esquecido. No filme de Eliane Caffé, os diversos “narradores” contam versões diferentes do passado, cada uma delas construída a seu modo, a partir da relação afetiva que cada um tem com a própria terra. Nem por isso, as histórias do povoado devem deixar de ser consideradas legítimas. Da mesma forma, ao se pensar na História “oficial”, o fato de os documentos escritos terem

⁸ THOMSON, Alistair Hamilton. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (coords.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006, p 85.

sido produzidos por homens faz com que esses sejam susceptíveis às mesmas idiossincrasias da narrativa oral. No entanto, os povoados que ainda não possuem documentos que comprovem a sua existência são invisíveis aos nossos olhos, “um povo sem história (leia-se: sem “documentos históricos” ou sem historiografia) é como se não existisse!”, diz Eliade⁹.

1.3.2 Oralidade versus linguagem escrita

Para impedir o fim iminente, não basta aos moradores de Javé consolidar sua história através da linguagem oral. A história daquele povo só passaria a ter valor quando fosse documentada cientificamente em livro. No mundo moderno, a linguagem escrita vira documento e constrói a História oficial, represente ela ou não a verdade dos fatos. Sob esse aspecto, a escrita tem maior poder sobre a palavra falada, embora ambas sejam susceptíveis a idiossincrasias devido à subjetividade humana. Quem detém a escrita também é dono das lembranças e molda a História a ser perpetuada em documento.

Em uma passagem do longa-metragem, Antonio Biá tenta convencer Vicentino, velho morador de Javé que se diz descendente direto de Indalécio, a mudar um pouco a sua história, pois, conforme o carteiro diz: “Uma coisa é o fato acontecido, outra é o fato escrito. O fato tem de ser melhorado no escrito para que o povo creia no acontecido”. Em outra passagem, Biá ainda diz: “Escritura é assim, gente! Homem curvo vira corcunda, gente de olho torto eu digo que é zarolho, sujeito que é manco na vida, na história, eu digo que não tem perna. É assim! É das regras da escritura”. Ao resgatar e reconstruir uma história, o escritor capta fenômenos de um tempo estranho ao nosso e transforma-os até que se tornem coerentes à época em que ele vive.

A linguagem escrita não difere da oral única e exclusivamente pela oposição da grafia em relação à fonética, mas também, e principalmente, pela situação em que é construída, transmitida e recebida. A linguagem falada está geralmente ligada a situações informais. A ligação entre o emissor e o receptor é mais consciente. O emissor capta não só as palavras proferidas, mas também os gestos e a entonação do emissor. É através de todos esses fatores que se constrói a mensagem. A oralidade é dinâmica por ser ligada à memória que, em constante mudança, está aberta à lembrança e ao

⁹ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6.ed., São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 157.

esquecimento e permite ao passado ser refeito e aproximado do presente constantemente. No caso da escrita, a relação entre emissor e receptor não é tão consciente. A mensagem a ser transmitida é construída com mais cuidado, de forma menos informal, ela é estática.

Os que defendem a História oral dizem que ela dá voz aos marginalizados, permite uma abordagem da História vista de baixo, torna o povo sujeito da História. Já a escrita seria mais elitista, e essa seria a razão de haver tão poucos heróis negros e do sexo feminino. François¹⁰ diz:

[...] A História oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.). [...] uma “história vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e de sentir.

As principais críticas à História oral dizem respeito à memória. Os historiadores tradicionais dizem que ela não pode ser considerada uma fonte confiável porque é distorcida pela deterioração física, pela nostalgia da velhice e pela influência de versões coletivas do passado. A respeito da questão oralidade *versus* linguagem escrita Becker¹¹ diz: “Mais importante do que distinguir dois tipos de fontes é o historiador manter-se distanciado desses depoimentos, sejam eles orais ou escritos”.

1.4 Símbolos mobilizados pelo enredo do filme

1.4.1 O herói

Indalécio (ou Indáleu) representa o herói que conduz sua gente para um lugar onde poderia prosperar. O mito do herói é um dos mais conhecidos no mundo todo. Sua estrutura narrativa assemelha-se na maior parte das culturas. Representa a jornada do indivíduo que parte do lugar de origem, por motivações diferentes, mas sempre em busca de um aprimoramento pessoal, que possa ser empregado para o benefício da

¹⁰ FRANÇOIS, Etienne et. all. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (coords.). *Usos e abusos da história oral*. 8.ed., Rio de Janeiro, FGV, 2006, p. 4.

¹¹ BECKER, Jean-Jacques et. all. O handicap do a posteriori. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (coords.). *Usos e abusos da história oral*. 8.ed., Rio de Janeiro, FGV, 2006, p. 31.

coletividade. Para melhor entender a trajetória do herói selecionou-se a descrição que importantes estudiosos fazem do mito, iniciando-se por Campbel ¹²:

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno.

De modo parecido, o mito do herói é definido por Henderson ¹³:

Ouvimos repetidamente a mesma história do herói, de nascimento humilde, mas milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e a notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua falibilidade ante a tentação do orgulho (*hybris*) e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício “heróico”, onde sempre morre.

Ao relatar a origem de Javé, as personagens ouvidas invariavelmente colocam seus antepassados no papel do herói, que tinha como objetivo conduzir um povo fugido da guerra contra a Coroa Portuguesa para lugar onde pudesse prosperar. A versão apresentada por cada personagem desqualifica a das demais, configurando uma disputa de ego, em que cada uma pretende firmar para seus parentes a imagem de verdadeiros heróis.

Vicentino se diz descendente direto de Indalécio e, em sua narrativa, atribui ao antepassado à imagem de guerreiro que, mesmo ferido, conduz “um punhado de gente valente”, “sobra de uma guerra perdida”, em busca de um lugar para recobrar as forças e juntar munição para recuperar a terra perdida para o rei de Portugal. Firmino vê-se no papel de Indalécio ao relatar que o herói morreu devido a uma diarreia durante a jornada em busca da terra prometida. A personagem vê a caatinga como pano de fundo para sua

¹² CAMPBEL, Joseph e MOYERS, Bill. *O poder do mito*. Org. Betty Sue Flowers. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 132.

¹³ HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. 4.ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d., p. 110.

história e rejeita a versão de Deodora que coloca Maria Dina, sua antepassada, no papel de amazona.

1.4.2 A amazona

As amazonas são guerreiras, caçadoras e sacerdotisas, que rendem culto à Ártemis (deusa da caça). Na mitologia grega, simbolizam as mulheres matadoras de homens; desejam tomar o lugar deles, rivalizar com eles e combatê-los em vez de completá-los. Em suma, exprimem a recusa da feminilidade ¹⁴. Ao relatar sua versão, Deodora atribui à “valente” Maria Dina o papel de liderança do povo na fuga da guerra perdida, após a morte de Indalécio. Segundo essa versão, é Maria Dina quem conduz o povoado ao lugar que os “pássaros da noite” haviam lhe mostrado e cujas divisas eram por elas cantadas.

1.4.3 O sino

O sino é um dos elementos comuns a todos os relatos dos moradores de Javé. Vicentino conta como o sino é importante para aquele povo: “Andaram dias, meses mesmo! Trazendo nas costas o sino que era a coisa mais sagrada que possuíam”. Além disso, a imagem do sino está presente na ilustração do relato das demais personagens.

O simbolismo do sino está ligado, sobretudo, à percepção do som como reflexo da vibração primordial. De acordo com o Chevalier e Gheerbrant ¹⁵, “o som está na origem do cosmo. Se a Palavra, o verbo (Vak), produz o universo, é através do efeito das vibrações rítmicas do som primordial”. Na Bíblia, é através da palavra (som) que Deus cria tudo o que existe: “Pela palavra foram feitos os céus, pelo sopro da boca todos os seus exércitos” (Salmos 32, 6). Algumas religiões veneram a palavra como força primordial, todo o existente chegou ao que é por intermédio do pensamento do coração e pelas ordens da língua. Cassirer ¹⁶ diz:

Nos relatos da criação feitos por quase todas as grandes religiões culturais, a Palavra aparece sempre unida ao Deus criador, ao de maior

¹⁴ CHEVALIER, Jean, CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988, p. 42.

¹⁵ *Ibidem*, p. 835.

¹⁶ CASSIER, Ernest. *Linguagem, mito e religião*. Portugal, Rés, s/d, p. 59.

hierarquia, seja como qualidade de seu instrumento, seja diretamente, como o fundamento primordial de onde ela mesma, assim como todo o ser e toda a ordem provêm.

Em *Narradores de Javé*, o sino pode ser interpretado como o símbolo que representa a origem primordial do povoado, ele é o primeiro elemento a aparecer na narrativa de Zaqueu. É o sino que chama os moradores à igreja para discutir sobre a ameaça representada pelo “progresso”. O sino é também elemento que marca, no enredo, a transição da escatologia para uma nova cosmogonia, uma vez que o antigo povoado de Javé é, de fato, afundado.

O filme termina com a cena em que a população de Javé está reunida em caravana às margens da represa que “engoliu” o povoado. Avista-se no meio das águas apenas a torre da igreja já sem o sino, que vem sendo carregado em cima de um antigo furgão. A imagem remete aos primórdios das versões descritas pelas diferentes personagens. O fato de o sino ser o único elemento concreto, material, a ser preservado da invasão das águas registra o renascimento, a recriação, da comunidade, em outro local.

1.5 Referências Bíblicas

1.5.1 O dilúvio

A Bíblia conta que Deus se arrependeu de ter criado o homem e lavou a desordem com um castigo cósmico. Diz Ele: “vou lançar um dilúvio, que tudo inundando, eliminará debaixo do céu todo o ser animal, com sopro de vida. Tudo quanto existe na terra perecerá” (Gêneses 6, 17). Nesse sentido, a desordem pode ser representada no filme pelo fato de o relato oral ser a única fonte de conservação e difusão da história da origem do povoado de Javé, o que gerava conflito quando elementos dessa história eram discutidos. Não se pode deixar de fazer menção a uma sutil referência o mito da Torre de Babel, por meio da qual os homens tentavam atingir o reino de Deus. Indignado com tal pretensão o Criador destrói a torre e faz com os homens passem a falar diferentes línguas, desentendendo-se.

O fato de a memória estar sujeita à lembrança e ao esquecimento mental da população torna impossível a concretização da história de Javé em livro, pois cada

indivíduo possuía uma visão cosmogônica de acordo com seus interesses e concepções de mundo. O povo precisou sofrer a ameaça de perder sua terra, que seria inundada pelas “águas do progresso”, para voltar a dar importância à sua origem e começar a se preocupar com o resgate de sua cidadania, de modo a reivindicar o reconhecimento de sua existência perante o resto do mundo.

1.5.2 A terra prometida

Os moradores do povoado de Javé concordam ao dizer que o vilarejo foi fundado por um grupo que fugia da “guerra contra a Coroa”. O povo de Javé foi guiado por Indalécio – ou Indáleu, como o denomina o homem africano – até a terra prometida, onde poderia viver e prosperar. No relato de Deodora, foram os “pássaros da noite” que lhe mostraram o lugar onde deveria “assentar sua gente”. Na Bíblia, Deus aparece para no meio de uma sarça em chamas que, apesar de arder em fogo, não se consumia e incumbe Moisés da tarefa de guiar seu povo. Deus disse: “Estou decidido a libertá-lo das mãos dos egípcios e a conduzi-lo desta terra para uma terra fértil e espaçosa, uma terra que mana leite e mel”, (Êxodo 3, 8).

Elementos estranhos ao real fazem parte de todas as narrativas cosmogônicas, é graças a seres e fatos sobrenaturais que uma realidade passa a existir. Do mesmo modo, o povo de Javé foi conduzido por Indalécio até uma terra onde poderia viver com dignidade. Em todos os relatos, o grupo é numeroso, famílias inteiras de gente humilde, que carrega consigo apenas um sino, a única coisa de valor que possuíam, de acordo com Deodora.

2. METODOLOGIA

O método empregado para o cumprimento desse projeto foi o da Análise Racional que, segundo Cervo¹⁷, opera sobre idéias e verdades mais ou menos gerais, estabelece uma relação entre a proposta e algum princípio geral evidente. No caso do presente estudo, pode-se dizer que o princípio geral remete aos mitos relacionados à *cosmogonia* e à *escatologia*.

¹⁷ CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. 5.ed., São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2002, p 39.

Para alcançar os objetivos aqui propostos, levantamos a descrição de alguns símbolos genéricos e referências bíblicas mobilizadas pelo enredo do filme, como por exemplos *sino*, *água (dilúvio)*, *Moisés*, *terra prometida*, além de referências a mitos indígenas e universais.

Para relatar o modo como o filme representa a História oral e como constrói sua significação, analisamos o conjunto dos elementos simbólicos mobilizados na obra, com o auxílio de bibliografia apropriada. Com o intuito de organizar a pesquisa, elaboramos fichamento preliminar de obras relacionadas às seguintes áreas: Mitologia, História Oral e Tradição Oral.

3. RESULTADOS / DISCUSSÃO

O elemento mais curioso em *Narradores de Javé* é o fato de o povoado se mobilizar para construir um relatório científico sem ao menos saber o verdadeiro significado da expressão: “Científico é...é... é coisa assim... com “sustança” de ciência... versada, assim, nas artes e práticas... Científico é... ó, é assim, como por exemplo... é...é que não pode ser as patacoadas mentirosas que ocês inventam! As patranha duvidosa que ocês gostam de dizer e contar!”, diz Zaqueu, ao tentar explicar para um morador do vilarejo o significado da palavra. Apesar disso, eles se agarram à ideia de escrever o livro, pois acreditam que podem ser salvos por “esse tal de científico”.

O filme suscita o prazer do povo em contar “causos” e mostra que a memória permite selecionar o que deve ser lembrado e esquecido, ou seja, a História é construída por interesses pessoais. Foi através das relações de poder que se edificou a História oficial das civilizações como a conhecemos hoje. Isso talvez explique o fato de a História possuir tão poucos heróis negros e do sexo feminino. No filme estudado, as personagens masculinas apontam Indalécio como o herói que guiou seu povo à terra prometida, já as personagens do sexo feminino dão igual importância à Maria Dina. São as lembranças que dão voz àquele povo e é através da memória que eles emprestam significados à própria existência.

O povoado de Javé era considerado atrasado em relação ao resto do mundo que valoriza a escrita. Aquela gente não possuía documentos que comprovassem nem sua existência, nem a existência do lugar onde viviam. Ao resgatar seus mitos e registrá-los

em livro, o povoado rompe o “poder mágico” da palavra oral, destrói algo vivo. Sobre o poder mágico da palavra, Cassirer¹⁸ diz:

É a palavra, é a linguagem quem realmente descobre ante o homem este mundo espiritual, que está mais próximo dele que o próprio ser físico dos objetos, que afeta mais diretamente a sua felicidade e desgraça. É que só a linguagem torna possível a persistência do homem na comunidade; é só em sociedade, em relação com o *tu*, adquire real subjetividade o próprio *eu*.

A oralidade deixa de ser a força primordial daquela comunidade e é transformada em elementos gráficos estáticos, sem a maleabilidade e a riqueza permitida pela língua falada. A comunidade teve que abrir mão de sua herança cultural, para assimilar os valores impostos por uma sociedade dominadora; teve de fixar uma versão dita oficial para fazer parte do chamado mundo civilizado. O filme termina com a narrativa de Zaqueu, “em off”, segundo a qual a história do “grandioso vale de Javé”, pode, a partir de então, ser lida e relida.

De todo modo, a busca pela história de origem é fundamental para resgatar a autoestima do povoado de Javé. É através do exercício de reconstrução do passado que eles passam de um povo sem cultura para uma comunidade que se enxerga como parte do mundo. Discutir sobre o passado permite que o povoado conheça a si mesmo. Trata-se da recuperação da cidadania e do indivíduo enquanto agente social na História. Eliade¹⁹ diz: “na medida em que é ‘esquecido’, o ‘passado’ – histórico ou primordial – é homologado à morte”. O resgate de sua cosmogonia devolveu àquele povo a capacidade de agir e reviver.

4. CONCLUSÃO

Um dos aspectos a ser ressaltado no filme de Eliane Caffé é que o único capacitado a escrever possui bem mais talento do que caráter, como apontado na introdução, o que pode gerar discussão no sentido de que, mesmo nos documentos oficiais, o fato de um indivíduo estar por traz do registro deveria tornar igual o ceticismo em relação à oralidade e à escrita. Tanto a História oral quanto a baseada na escrita estão sujeitas à subjetividade e aos interesses típicos da natureza humana.

¹⁸ CASSIER, Ernest. *Linguagem, mito e religião*. Portugal, Rés, s/d, p. 76.

¹⁹ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6.ed., São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 108.

Em uma das passagens do filme, Biá conversa com o Pai Cariá, um africano que fala em iorubá, dialeto estranho para Biá. Samuel serve como tradutor e conta que Pai Cariá diz que sua gente há muito tempo havia sido trazida para esta parte da África. Cariá acredita que o Brasil seja uma aldeia grande dentro da África. O africano conta as dificuldades que o chefe de guerra Indáleu teve para conduzir seu povo de volta às terras de origem. Ao ouvir o relato, Biá questiona se Indáleu e Indalécio é a mesma pessoa das outras versões. “Indáleu? É o mesmo que Indalécio?, pergunta pra ele... Não, deixa pra lá. Se não é, parece que é, tem tudo pra ser. Então fica sendo”.

Em outra passagem do filme, Biá concorda em colocar no livro uma história “um pouquinho arranjada”, narrada pelo barbeiro Dirceu, para ter sua barba aparada de graça durante um ano. Nesse sentido, o filme pode ser uma metáfora da realidade. Nada garante que alguns homens responsáveis por registrar a História da humanidade não tenham tido a mesma falta de cuidado, de ética ou de caráter que Bia. Quantos heróis podem ter sido forjados e quantos outros deixaram de existir para o resto do mundo devido a interesses diversos.

Javé foi construída em uma época em que a palavra oral possuía mais poder do que os documentos escritos. O povo que participou da fundação do vilarejo cantava as divisas, e as terras passavam de pai para filho. Esse era o “documento”, a garantia de posse.

O filme também mostra que o conceito de verdade é sempre subjetivo e está além da História e que, talvez, nunca seja alcançado, devido à pluralidade dos relatos. Isso pode ser exemplificado pela cena em que os irmãos gêmeos entram em conflito com relação ao relato da própria origem. Se já são encontradas dificuldades para constituir a história de uma família, imagine-se para construir a de todo um povo.

No decorrer do enredo de *Narradores de Javé*, as personagens tornam-se sujeitos da própria História. Elas presenciam o fim e o início do novo ciclo. Tudo indica que dali há anos aqueles moradores serão lembrados pelos seus feitos no princípio primordial.

Segundo Eliade ²⁰ “mesmo nas escatologias, o fato essencial não é o *Fim*, mas a certeza de um *novo começo*. Ora, esse recomeço é, mais especificamente, a réplica do começo absoluto, a cosmogonia”.

²⁰ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6.ed., São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 72.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 Livros

ABREU, Luís Alberto de, CAFFÉ, Eliane. *Narradores de Javé / por Luís Alberto de Abreu e Eliane Caffé*. São Paulo, Cultura, 2004.

ARAÚJO, Vicente de Paula. *A bela época do cinema brasileiro*. São Paulo, 1976.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Vol. I, Petrópolis, Vozes, 1986.

CASSIER, Ernest. *Linguagem, mito e religião*. Portugal, Rés, s/d.

CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. 5.ed., São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2002.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed., São Paulo, Perspectiva, 2002.

_____. *Mito do eterno retorno*. São Paulo, Mercuryo, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (coords.). *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed., Rio de Janeiro, FGV, 2006.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav. (org.) *O homem e seus símbolos*. 4.ed., Rio de Janeiro, s/d.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 4. ed., São Paulo, Atlas, 2001.

MACHADO, Álvaro e PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa, Edições 70, s/d.

MACHADO, Irene A. *Literatura e redação*. São Paulo, Scipione, 1994.

OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. *Cultura, escrita e oralidade*. São Paulo, Ática, 1995.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, Papirus, 1998.

5.2 DVD

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani. Intérpretes: José Dumont; Matheus Nachtergaele; Gero Camilo; Néelson Dantas e outros. Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. Música: DJ Dolores e Orquestra Santa Massa.

Distribuição: Riofilme. Brasil: Bananeira Filmes; Gullane Filmes; Laterit Productions, 2003. 1 DVD (100 min), color.